



AUTORAS

Ana Paula Marques
Beato-Canato 

 anabeatocanato@gmail.com

Docente do curso de Letras e do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e participante do grupo de pesquisa Identidade e Leitura (UFPR/Cnpq).

Adriana Cristina Sambugaro
de Mattos Brahim 

 adrianacsmbrahim@gmail.com

Docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e líder do GPELIN - Grupo de Pesquisa em Educação Linguística (DGP/CNPq).

Clarissa Menezes Jordão 

 clarissamjordao@gmail.com

Professora titular sênior no programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR e professora visitante na UERJ. Líder do grupo de Pesquisa Identidade e Leitura (UFPR-CNPq).

COMO CITAR

Beato-Canato, A. P. M., Mattos Brahim, A. C. S. de & Jordão, C. M. (2021). Paulo Freire em memes: caricaturas de um país dividido. *Calidoscópico*, 19(4): 463-480. 10.4013/cld.2021.194.03

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 30/08/2021
Aprovação: 19/12/2021

DISTRIBUÍDO SOB



Paulo Freire em memes: caricaturas de um país dividido

Paulo Freire in memes: caricatures of a divided country

RESUMO / ABSTRACT

Estamos vivendo tempos de polarização de nossa sociedade e, em meio a ela, a figura de Paulo Freire tem sido central em diferentes embates. A intenção deste texto é compreender como a publicização de memes em redes sociais tem contribuído para a construção de uma narrativa de descrédito do patrono da educação brasileira. A fim de alcançar esse

objetivo, foram selecionados memes sobre Paulo Freire compartilhados pelo Movimento Escola Sem Partido em seu perfil nas redes sociais. Tais dados foram analisados à luz da teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2010; 2015; 2017; Volóchinov, 2017), e ao pen-

samento do próprio Freire (1967; 1987; 1992; 1996). Os resultados apontam para o uso intencional de termos pejorativos e de baixo calão na produção de tais textos, que têm potencial para causar excitabilidade e adesão de um público contrário a ideias progressistas. Nessa arena, vozes antagônicas aparecem de modo acanhado nos comentários e apontam a necessidade de buscar formas de resistência por meio não apenas de leituras críticas, mas também de engajamento com os processos de construção discursiva a fim de compreender como diferentes ideologias são construídas na linguagem.

We are facing difficult times, in which we find society polarized and, in this arena, the figure of Paulo Freire being central to many different and contradictory discussions. In this context, the intention of this paper is to understand how the propagation of memes in social networks may have contributed to the construction of a narrative of discredit of the patron of Brazilian education. In order to achieve this goal, memes about Paulo Freire shared by the School without Borders Movement were collected from its Facebook page. The data was analyzed

Palavras-chave:

Paulo Freire; Escola Sem Partido; Círculo de Bakhtin

Keywords:

Paulo Freire; School Without Party Brazilian Movement; Bakhtin's Circle.

in the light of the theory of dialogism (Bakhtin's Circle – Bakhtin, 2010; 2015; 2017; Volóchinov, 2017) and against our readings or Freire's work. The results of our analysis point to the use of pejorative terms and lack of ethical commitment, which potentially cause over-excitability and adherence of an audience against progressive ideas. In this arena, antagonistic voices appear narrowly and illustrate the need to seek forms of resistance with and beyond critical reading to understand how different ideologies are discursively built in language.

1. Introdução

Em treze de abril de 2012, por meio da Lei no. 12.612, art. 1.º, o educador Paulo Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira, em honra a sua capacidade e relevância. O título faz jus à valiosa contribuição de Freire, reconhecido como uma autoridade em diferentes campos do conhecimento, o que lhe trouxe vários títulos de Doutor *Honoris Causa*, outorgados por universidades de diversos países do mundo. Suas publicações têm sido traduzidas para inúmeras línguas e ele é apontado como o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas – 72.359 vezes!^[1] Seu livro *Pedagogia do oprimido* (Freire, 1968) está entre as três obras mais referenciadas nas ciências sociais e entre os 100 livros mais pedidos e consultados por universidades de língua inglesa.^[2] Apesar de seu legado histórico, cultural e pedagógico, nos últimos anos, com a intensificação da polarização da sociedade brasileira e a ampliação de um clima de disputas, têm sido frequentes polêmicas e calúnias contra o educador bem como pedidos de que suas ideias sejam expurgadas de nosso país. A principal acusação é a de que a educação brasileira se encontra esfacelada em função das propostas freireanas^[3], como se de fato suas ideias tivessem sido implementadas nas políticas educacionais vigentes. Essas/es acusadoras/es repetem agressiva e incessantemente a ideia de que Paulo Freire seria um incompetente, cuja única intenção seria a de doutrinar crianças.

Em face dessa realidade, muitas/os de nós têm questionado constantemente: como essa imagem de Paulo Freire tem sido construída com tal vigor e celeridade? Que interesses levam à tentativa de destruição de sua reputação e de suas contribuições? O que fazer perante esses discursos? Tais indagações levaram-nos a fazer um levantamento e análise de memes sobre Paulo Freire em redes sociais, a fim de engendrar respostas para tais perguntas. Mais especificamente, buscamos compreender como a publicização de memes por um movimento específico - o Movimento Escola Sem Partido (MESP) - em seu perfil na rede social *Facebook* tem contribuído para a construção de uma narrativa de descrédito da figura do educador em nosso país, ou ainda, de construção de Paulo Freire como um monstro a ser destruído. Sobre isso, Militão e Di Giorgi (2020) afirmam que

Localiza-se entre os esforços do EsP para consolidar seu projeto educacional conservador a iniciativa de emplacar a Ideia Legislativa nº 90.3105 sob o título “Revogação da

lei que institui Paulo Freire patrono da educação brasileira (Lei n. 12612/2012)” a partir do argumento: “Paulo Freire é considerado filósofo de esquerda e seu método de educação se baseia na luta de classes, o sócio construtivismo é a materialização do marxismo cultural, os resultados são catastróficos e tal método já demonstrou em todas as avaliações internacionais que é um fracasso retumbante”, proposta subscrita pela estudante Stefanny Papaiano. (Militão; Di Giorgi, 2020, p. 283).

Para fazer o levantamento de memes de Paulo Freire, as postagens no grupo foram acompanhadas desde o final de 2017 até julho de 2019 e foi utilizado o mecanismo de busca procurando pelas palavras-chave: “Paulo Freire + Facebook + Escola Sem Partido”^[4]. Os memes encontrados possibilitam afirmar que tais manifestações públicas, principalmente nas redes sociais, têm gerado embate de vozes favoráveis e contrárias à pedagogia de Paulo Freire. Nesse espaço-tempo, forças centrípetas e centrífugas convivem mutuamente, criando uma atmosfera de embate ideológico, com forte potencial para que qualquer pessoa assuma o papel de ator social a favor de uma causa, sem conhecer o assunto, sem estar bem-informada sobre o tema defendido.

Nessa arena, diferentes estratégias são usadas para disseminação de ideias. Enquanto defensoras/es de Paulo Freire buscam argumentos na obra do educador, ativistas contrários/os constroem para ele uma imagem negativa e reiteram a opinião de que o pensamento freireano seria “comunista”. Esta ideia é tomada como negativa - novamente, sem recorrer a evidências para além da impressão de que ser “comunista” é ofensivo. Esse silogismo (Freire é comunista, ser comunista é ruim, portanto, Freire é ruim) ganha força especialmente com o compartilhamento de memes, gênero discursivo que, a princípio, seria usado por pessoas comuns para assumir protagonismo e reagir a notícias midiáticas (Shifman, 2013). Neste trabalho, refletimos sobre o fato de que os memes têm sido usados também por organizações com potencial para minar certas narrativas e criar outras. Tal criação é desenvolvida especialmente em ambiente digital, no qual qualquer pessoa tem liberdade de ação e possibilidade de escapar de situações opressivas e/ou regulatórias (Castro, 2021), e pode assumir o protagonismo sem que para isso precise necessariamente ter conhecimento sobre sua causa.

O aparato metodológico empregado nas análises que apresentamos aqui é oriundo da teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2010; 2015; 2017; Volóchinov,

[1] O levantamento foi feito através do Google Scholar – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica – por Elliot Green, professor associado da London School of Economics. Segundo ele, Freire é citado 72.359 vezes, atrás somente do filósofo Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo Everett Rogers (72.780). Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2016/06/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/?utm_source=facebook&utm_medium=hypeness_fb. Acesso em 29/08/2019.

[2] <https://www.paulofreire.org/noticias/463-paulo-freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em 28/08/2021.

[3] Assim como Ana Lúcia Souza de Freitas (2020), no livro *Leituras de Freire*: uma trilogia de referências, optamos por empregar a grafia freireano para manter inalterado o nome do autor, diferente do que indicam as normas ortográficas que sugerem o uso de freiriano.

[4] Os textos selecionados para análise integram o corpus do projeto de pesquisa Trajetórias textuais e projeções escalares de discursos educacionais. Iniciado por uma das autoras em agosto de 2017 e ainda em andamento, o projeto tem o objetivo geral de reunir dados etnográficos de modo a acompanhar múltiplas trajetórias textuais (Fabrício, 2016), a fim de compreender diferentes projeções escalares (Carr; Lampert, 2016) de discursos educacionais, especialmente no que tange concepções de linguagem, educação e direitos humanos. Alguns desses textos não estão mais disponíveis no site do movimento e seu perfil no Facebook está desativado. Nesses casos, não disponibilizamos links.

2017), mais especificamente os conceitos de linguagem, discurso, enunciado, vozes centrífugas e centrípetas e, evidentemente, em nossas leituras sobre o pensamento do próprio Freire. Os resultados de nossas análises indicam a tentativa de destruir a pedagogia de Paulo Freire com o que nos parece ter a finalidade de reforçar pensamentos conservadores e neoliberais, que desvinculam a educação das instituições em uma tentativa de manter um certo *status quo* e num processo de responsabilizar exclusivamente o indivíduo por sua situação social, econômica e educacional. A fim de alcançar os objetivos propostos, primeiramente, abordamos como a contenda a respeito de Paulo Freire tem sido construída, as pessoas envolvidas e o papel das redes sociais e dos memes. Em seguida, apresentamos o MESP, movimento com contribuições muito significativas nesse embate, para, então, analisarmos alguns memes que ilustram a argumentação construída. Finalizamos com apontamentos sobre o espaço-tempo em que vivemos, no qual é preciso compreender quais estratégias são usadas em prol de forças hegemônicas e antagônicas e como contribuem com diferentes formas de resistência. Isso aponta a necessidade de nos aproximarmos de outras formas de organização social e de buscar nelas inspiração.

2. Intuição e engenharia do caos: a construção de uma contenda

A era digital tem possibilitado a construção de contextos muito fluidos e porosos, de contato com diversas subjetividades, mesmo que sem contato face-a-face, pessoalmente e presencialmente. Junto a isso, estamos vivendo a multimodalidade da linguagem de modo intenso, numa época em que, mais do que apenas uma justaposição do imagético com o verbal, temos a dimensão sensorial/afetiva, fortemente conectada em especial aos textos digitais, que adquirem ampla circulação nas redes sociais. A campanha eleitoral do ex-presidente norte-americano Barack Obama, de 2008, aproveitou esse contexto e deu início a uma nova política realizada a partir da análise de dados e da utilização massiva da internet e das redes sociais. Tal movimento foi aperfeiçoado em 2012 pelo mesmo candidato.

Em 2016, Donald Trump usou a mesma tecnologia, de modo subvertido, ao enviar informações específicas para grupos específicos de eleitores conforme o perfil de cada grupo. Essa estratégia se mostrou vitoriosa com a eleição do candidato e sua contribuição para a ascensão da extrema direita populista no mundo. Um de seus ex-assessores estratégicos, Steve Bannon, tem colaborado para esse movimento político de modo determinante em diferentes partes do mundo, incluindo o Brasil. De acordo com ele (Bannon, 2009), seu compromisso é com um movimento populista, nacionalista e tradicionalista, em busca de um Ocidente judaico-cristão,

com os seguintes ideais: família tradicional, estrutura da sociedade, guerra contra o marxismo cultural.

O cientista político franco-italiano Da Empoli investiga esse movimento e a relação entre as redes sociais e a ascensão da extrema direita populista no mundo. Para ele (Da Empoli, 2019), esse movimento é fruto de uma mescla entre intuição e habilidade política de novos líderes como Jair Bolsonaro e Donald Trump, num trabalho realizado pelo que ele denomina “engenheiros do caos”, que seriam especialistas em transformar algoritmos em votos. De acordo com Da Empoli, nas redes sociais,

Há a entrada em cena dos estrategistas, das plataformas, da tecnologia e da ideologia, que são muito sofisticados e que aplicam essa estratégia da superexcitação, do escândalo, mesmo das notícias falsas, das campanhas de desinformação, de maneira consciente e estratégica, porque é um método que funcionou bem, de maneira surpreendente, em muitos contextos. É um método que justamente busca criar o máximo de engajamento possível nas redes e que põe em crise a mídia tradicional e a mídia de massa, que são ultrapassadas e exploradas por esse movimento. Ai há certamente uma estratégia. (Da Empoli, 2019, em entrevista ao Nexo).

Nessa estratégia, que não está restrita ao tempo regulamentar das campanhas políticas, vale um comentário imediato e narcisista, por meio da utilização de todo tipo de conteúdo possível, para conseguir alcançar o engajamento desejado dos grupos aos quais é dirigido. Profissionais de marketing fazem análises detalhadas sobre o público-alvo e buscam ferramentas que gerem a superexcitação, sentimento mais importante nesse contexto, para gerar o máximo de apoio. Não há compromisso com a oferta de conteúdos coerentes, e as constantes contradições entre o que é dito em momentos distintos ou entre o que é dito a grupos diversos não são entendidas como um problema - pelo contrário, auxiliam a construir o clima de ansiedade e superexcitação (Da Empoli, 2019).

Para Da Empoli, o Brasil é hoje um laboratório desse movimento. Segundo ele, o presidente faz uso de *fake News*^[5] de modo estratégico, com o intuito de fixar uma agenda. Isso porque, na medida em que lança uma *fake news*, mesmo que ela seja logo desmentida e gere muita indignação por ser o que pretende ser, ou seja, *fake*, as pessoas se veem forçadas a falar sobre aquilo, ou melhor, falam sobre o que ele quer que seja falado e assim sua agenda é fixada. Além disso, continua Da Empoli, o presidente consegue demonstrar sua liderança e permanecer no papel de um líder voluntarista, mesmo que sejam apresentadas informações que desmentem o que foi divulgado previamente. Nesse processo, o presidente ainda constrói a aparência de

[5] *Fake news*, neste texto, é um termo entendido como referente à disseminação intencional de notícias sabidamente dúbias, atravessadas ou distorcidas. Trata-se, a nosso ver, não de discutir se algo é “fato ou opinião”, mas de observar que existe uma estratégia político-ideológica orientando a produção deste tipo de “notícia”.

realizar sua promessa de punição das elites corruptas, uma de suas principais pautas durante a campanha presidencial. O cientista-político alerta também que a dificuldade para combater esse movimento acontece porque Bolsonaro, assim como Salvini e Trump, conseguiu algo que apenas Joseph Goebbels – ministro da propaganda nazista – tinha realizado: “a ideia de que a instituição reforça a propaganda”, ou, em outras palavras, utiliza sua posição de autoridade para acionar a força da instituição a favor da propaganda de seu interesse político-ideológico.

Interessante observarmos que em uma de suas primeiras publicações de 1967, quando não havia os recursos das tecnologias de comunicação que temos hoje, Freire já nos alertava sobre os perigos da propaganda institucional que usa recursos públicos para promover ideologias específicas. Esse tipo de ação é comumente visto em períodos autoritários. São ilustrativas a propaganda nazista e o DIP (Departamento Oficial de Publicidade), criado no governo Vargas, com a intenção de promover a ideologia da ditadura do Estado Novo, especialmente nas classes populares, e promover a censura de informações (Silva, s.d.). O trecho a seguir do livro *Educação como prática da Liberdade* ilustra a preocupação de Freire com o aparelhamento do estado: “Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não^[6], e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (Freire, 1967, p. 50).

Ou seja, na década de 1960 Freire trouxe reflexões sobre formas de fazer política oficial com o objetivo de promover ideologias específicas utilizando a máquina pública. Essas ideologias tinham o potencial de ser aceitas, sem questionamentos ou reflexões sobre suas intenções. Assim, essa forma de fazer política por meio da divulgação de informações pretensiosas é antiga. O que mudou na contemporaneidade são os recursos de divulgação de informações com muito mais possibilidades e com pessoas super especializadas para tal empreendimento. Essas pessoas usam as redes sociais como ferramenta para o compartilhamento de mensagens que geram superexcitação, simulam escândalos e até mesmo realizam campanhas de desinformação e disseminação de *fake news*.

De acordo com Xavier (2020), o governo atual inovou, nesse sentido, ao criar dentro do Palácio do Planalto um núcleo ideológico denominado por seus integrantes como “Gabinete do Ódio”,

cuja função inicial foi a de produzir relatórios diários com interpretações sobre fatos da realidade política e econômica nacional e internacional com orientações de medidas a

serem adotadas pela presidência da República, bem como a indicação de inimigos internos e externos ao governo a serem difamados e combatidos. [...] O Gabinete do Ódio, o Grande Irmão, passou a administrar a manutenção das redes sociais da presidência da República e todo o planejamento de campanhas digitais do governo federal, o que implica na contratação de empresas especializadas na emissão de fake news. Segundo depoimento da deputada federal Joice Hasselmann (PSL – SP), ex-líder do governo Bolsonaro no Congresso Nacional, o Gabinete do Ódio usa dinheiro público para fazer disparos de mensagens falsas e difamações por robôs, e que um único disparo custa 20 mil reais, em média. E, acrescenta Joice Hasselmann, que de maneira legal são destinados 500 mil reais de dinheiro público para perseguir desafetos (Fonte: Estadão/Gazeta do Povo, edição de 06/12/2019) (Xavier, 2020, p.3-5).

Tratando especificamente da Educação, Xavier denuncia que os ministros são nomeados para “combater o processo de avanço da pesquisa científica pública no país e privatizar as universidades, passando a imagem que elas são espaços para a proliferação de “balbúrdia” e de gente que não estuda e frequenta a universidade para usar drogas. (Xavier, 2020, p. 5). Notamos que a forma de funcionamento do “Gabinete de ódio” é a mesma do MESP, tanto nos discursos difamatórios quanto no tom das mensagens e a forma de divulgação. A diferença é que, enquanto o MESP insiste em afirmar que não tem alinhamento político-partidário, o “Gabinete do ódio” não nega suas ações com o uso da máquina pública.

Liderado por Miguel Nagib, o movimento afirma ser formado por um grupo de pais e alunos incomodados com a contaminação político-partidária das escolas brasileiras, sem apoio político ou de qualquer outra instituição. A despeito dessa afirmação incessante, estudos têm indicado seu viés partidário e liberal (Beato-Canato; Martinez; Fernandes, 2020; Frigotto, 2017; Pinheiro, 2017; Moura, 2016; 2019; Macedo, 2017; Ximenes, 2016, 2017). Moura (2019, s.p.), por exemplo, cita um artigo escrito por seu fundador Miguel Nagib, para o Instituto Millenium, em 2007, no qual declara que “a educação deveria ser *lócus* de difusão dos ideais liberais. Discurso muito diferente do que faz quando fala como coordenador do MESP (desde 2004 até hoje) e diz que seu objetivo é combater a doutrinação nas escolas” (Moura, 2019, s.p.). Além disso, sua ampla atuação nos leva a pensar na existência de uma rede de trabalho especializada em transformar algoritmos em apoiadores do movimento e propagadores de denúncias e informações negativas e caluniosas sobre a educação pública brasileira e sobre Paulo Freire. Nesse contexto, apontamos a necessidade de publicização de vozes contrárias a esse discurso, bem como a de

[6] Embora Freire entenda que não existe neutralidade, em alguns momentos nos parece estar utilizando a palavra “ideologia” em referência ao aparelhamento do Estado, à manipulação ideológica do poder, e poderia nesses casos estar se distanciando do entendimento de ideologia do Círculo de Bakhtin, que concebe ideologia como estando em toda e qualquer leitura, como visão de mundo socioculturalmente construída, como perspectiva histórico-cultural, como referencial para o processo de construção de sentidos. Nessa citação, por exemplo, Freire fala em publicidade “ideológica ou não”. Em nosso entendimento, que conversa com o do Círculo, qualquer publicidade seria ideológica, porque social e construída a partir de valores axiológicos específicos. Assim, percebemos essa referência específica de Freire à ideologia como uma crítica ao uso intencionalmente manipulador a que as ideologias podem ser submetidas com a finalidade de mascarar a própria existência da ideologia e sua ubiquidade.

encontrarmos outras formas de manifestação pública que não se restrinjam ao meio acadêmico ou ao discurso acadêmico. Ao final deste texto, apontaremos algumas práticas que têm sido desenvolvidas neste sentido.

3. O não-álibi na construção da arena

Nessa arena que tem sido construída, em que se digladiam diferentes perspectivas, como se houvesse o bem e o mal absolutos, este último a ser perseguido e exterminado, cada um/a de nós é convidada/o a tomar partido e entrar no jogo para que a/o inimiga/o possa ser expurgada/o de nosso país. Um desses inimigos seria Paulo Freire, supostamente responsável pelas mazelas da educação brasileira. Nesse jogo, lembremos que as relações dialógicas entre os enunciados são conflituosas e múltiplas; que cada enunciado é um elo na cadeia enunciativa (Volóchinov, 2017) e é constitutivo de outros enunciados já ditos ou que podem vir a ser ditos, ou seja, servem para que outros enunciados sejam construídos. Os memes, por exemplo, geralmente são produzidos como comentários a notícias midiáticas, ou seja, a enunciados já ditos. Nesses casos, portanto, são respostas a enunciativas anteriores, as/os quais geram novas cadeias enunciativas (im)previsíveis, tanto de apoio às ideias trazidas quanto de repulsa a elas. Vemos, então, em atrito, forças centrípetas, em outros termos, hegemônicas, “orientadas para a centralização verboideológica, para a singular unidade/identidade de uma língua (Brait, 2019, p. 245, com base em Bakhtin, 2015)”; e forças centrífugas, isto é, antagônicas, “constituídas pelas alteridades das múltiplas línguas/línguas em movimento num dado momento histórico, produtoras da descentralização verboideológica (Brait, 2019, p. 245, com base em Bakhtin, 2015)”. Cabe ressaltar aqui que, em se tratando de memes, a composição das forças centrífugas e centrípetas se dá não apenas na dimensão verboideológica do texto, mas também imagética e sensorial, como mencionamos anteriormente.

Apoiadas em diferentes perspectivas e tendências ideológicas, as forças mencionadas por Bakhtin se interrelacionam continuamente e, segundo ele, contribuem para construções de sentidos múltiplos, no mais das vezes em tensão, porque pautadas em conjuntos de valores (ideologias) distintos. Assim, nessa perspectiva, não existe um olhar único e um texto único produzido por um/a enunciativo/a ideal para um/a receptor/a ideal. Ao contrário, na perspectiva bakhtiniana, há um emaranhado de vozes que constituem uma heteroglossia/heterodiscurso, ou seja, uma pluralidade de vozes sociais, culturais, históricas, sejam institucionais ou individuais, harmoniosas ou conflituosas, com forças hegemônicas e antagônicas, pluralidade permeada pelas/os interlocutoras/es (produtor/a e leitoras/es) e o espaço-tempo.

Na perspectiva bakhtiniana, a descrição, a análise e a interpretação dos enunciados, das palavras e expressões da *língua em contexto*, ou das práticas de linguagem, são cruciais para existir inteligibilidade sobre os sentidos construídos. Assim sendo, a interpretação do que as palavras e expressões da língua dizem em um contexto específico depende da consideração das/os interlocutoras/es e seus papéis sociais, das relações entre elas/es, dos objetivos, do espaço-tempo e, incluímos dos recursos utilizados; no caso de memes, por exemplo, sua interpretação depende da consideração do contexto e dos recursos verbais e visuais, imprescindíveis na construção de sentidos. Todos esses fatores contribuem para a compreensão das relações entre as/os interactantes, do que a/o locutor/a quer que seja entendido e da percepção que têm de suas/seus interlocutoras/es (o que aceitam/esperam que elas/eles podem/devem fazer/dizer). Para o Círculo de Bakhtin, é fundamental considerar ainda as relações entre diferentes enunciados. Isto é, enunciados são sempre respostas em uma cadeia enunciativa; são produzidos em diálogo com outros enunciados já ditos ou que a/o locutor/a prevê que sejam ditos. Embora a maior produção do Círculo date da década de 1920 e, portanto, não destaque a construção de

sentidos em modalidades não-verbais, uma vez que tais modalidades textuais não eram tão comuns à época, entendemos que cabe na concepção de enunciado do Círculo tudo o que contribui para a construção de sua inteligibilidade. Isso significa dizer que, para entender um enunciado, acionamos toda a complexidade de sua enunciação - o momento histórico e cultural, a posição social, a classe econômica, a formação familiar,

as ideologias circulantes, os cheiros, sabores, imagens e cores que circulam no momento da produção/recepção dos enunciados (Mattos Brahim et al, 2021). Para citar um exemplo, lembramos que recentemente a bandeira do Brasil e suas cores têm sido associadas a um viés político partidário específico enquanto o vermelho tem sido ligado diretamente a outro grupo. Nessa arena construída de forma binária, a atribuição de diversos valores a partir do uso de cores específicas contribui para o fortalecimento da polarização da sociedade e a repetição incessante de que apenas um desses lados valoriza o país e seus costumes e luta contra a corrupção, enquanto o outro grupo seria conivente tanto com a corrupção quanto com valores que colocam em risco o nosso país. Vale dizer que esse entendimento binário não faz parte de um grupo apenas. Ao contrário, estamos convivendo com discursos polarizados em todos os setores da população. O grupo vermelho parece entender quem se identifica com o grupo amarelo como cruel, egoísta, bitolado, desinformado e mal-intencionado. No outro lado, o MESP alinha-se com o grupo verde e amarelo e declarou apoio ao presidente atual durante a campanha eleitoral de 2018, em postagens em seu

“Ao contrário, estamos convivendo com discursos polarizados em todos os setores da população”

perfil no Facebook. O movimento também utiliza artifícios binários em suas postagens, e assim atribui ao grupo vermelho todos os supostos problemas da educação brasileira, que colocaria em risco as famílias brasileiras. Em uma postagem de setembro de 2017, por exemplo, temos um meme com os dizeres “Goela abaixo” e um professor barbudo, vestido de camisa vermelha, estrela amarela, carregando a suposta “cartilha gay” e impondo a homossexualidade “goela abaixo” de seus alunos/as (Beato-Canato; Szundy, 2021).

Em ambiente digital, a complexidade desses diálogos se intensifica, pois a/o locutor/a tem menos controle sobre quem serão suas/seus interlocutoras/es. Nesse contexto, são compostos sistemas de significados na produção de identidades e subjetividades diferenciados daqueles das interações face a face. As tecnologias possibilitam ainda, especialmente nas redes sociais, que diferentes forças convivam explicitamente, e dessa forma coloquem em conflito vozes autoritárias e de autoridades, queremos dizer, vozes impositivas e vozes de especialistas. Essas vozes alcançam interlocutoras/es diversas/os e, em muitos casos, assumem níveis equiparáveis de confiabilidade. Parece que nesse jogo o conceito de responsabilidade ética do ser humano é desconsiderado.

Por *responsabilidade ética* estamos entendendo aqui, com Levinas (1988) e Bakhtin (2017), que a ética leva a uma responsabilidade pelo Outro “antes da nossa própria liberdade, numa atitude não egoísta e radical de entrega aquele, uma responsabilidade genuína da parte do sujeito” (Silva, 2021, p.273). Essa responsabilidade talvez esteja na percepção de que somos seres interligados com outros seres, com a fauna e a flora, com o planeta inteiro, enfim (Krenak, 2019). Daí decorre que é preciso interromper as formas violentas de relação não-ética com as demais existências e recusar a perspectiva moderna da separabilidade e hierarquização ontoepistemológicas características da modernidade/colonialidade (Mignolo, 2000). Nesse sentido, entendemos a chamada de Bakhtin (2017, p. 99) ao afirmar que “ato responsável” não pode prescindir da percepção de que todas as formas de existência estão implicadas, e que, portanto,

É apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real (através da referência emotivo-volitiva a mim como aquele que é ativo). É o fato vivo de um ato primordial ao ato responsável, e a criá-lo, juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade. (Bakhtin, 2017, p. 99).

O ato responsável a que se refere Bakhtin, desse modo,

pode ser um movimento, um pensamento, uma experiência, um sentimento, todos entendidos enquanto uma resposta, um agir no mundo. Cada um desses elementos implica-se enquanto um ato singular do sujeito dentro do “agir ininterrupto” que é a vida. Daí a urgência

em assumir o ato de forma responsável, observando-o a partir de sua existência não abstrata. Ademais, considerando-se que todo agir é axiológico, é neste tom emotivo-volitivo ativo – que convoca a relação entre o eu, o Outro e o eu-para-o-Outro – que se encontra a responsabilidade ativa. (Silva, 2021, p. 274).

Similarmente, Freire versa sobre “ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana (Freire, 1996, p. 18)”, assim dizendo, a ética universal do ser humano em “sua vocação ontológica para o ser mais” implica na consideração da relação entre o eu, o Outro e o eu-para-o-Outro.

A disseminação de *fake news* sobre a qual estamos tratando aqui, ao não considerar tal imbricamento entre todas as formas de existência dos seres e dos saberes, muitas vezes implementa uma espécie de vale tudo, de palavras odiosas a mentiras sem fundamentos, em um provável esforço para adaptar os enunciados ao que as/os interlocutoras/es esperam e conseguir o que se deseja. Quando isso acontece, instaura-se uma espécie de descompromisso, de atitude irresponsável perante o Outro, desengajada da “existência concreta” da diferença e de sua legitimidade; uma atitude que não leva em conta a relação “eu-para-o-outro” (Bakhtin, 2017, p. 114).

Bakhtin (2010) destaca que, para que a/o locutor/a possa alcançar seu objetivo discursivo, ela/ele precisa escolher as palavras/expressões a serem utilizadas. Essa seleção é feita contingencialmente de dentro de seu repertório, desenvolvido socialmente. Sendo assim formado, no entendimento bakhtiniano, tal repertório não é neutro, mas carregado de valores, de sentidos ideológicos, porque constituído a partir de certa posição cultural, social e histórica. As escolhas feitas pela/o locutor/a se realizam a partir de determinada perspectiva com a intenção (explícita ou não, racional ou não) de alcançar um objetivo. Por isso, não são imparciais, gratuitas ou desinteressadas. Ao contrário, tais escolhas são socialmente construídas em certo espaço-tempo e assim nossos atos são gestos éticos (ou não) por meio dos quais constituímos nossa alteridade. Portanto, somos responsáveis por nossos atos e não temos alibi, pois cada um/a ocupa um lugar único e deve agir responsabilmente (Bakhtin, 2017), ou, segundo Freire (1996), de acordo com a ética universal que exige o respeito pelo Outro.

A maneira como lemos um texto ou “nos lemos”, lendo esse texto (Freire, 1991; Menezes de Souza, 2011), e atribuímos sentidos a ele, depende de nossas vivências anteriores, que constituem o espaço-tempo presente. Logo, a forma como lemos uma situação ou texto é diretamente dependente da janela pela qual lemos o mundo, que, por sua vez, é dependente de todas as nossas vivências anteriores, ou da nossa “leitura do mundo” que sempre precede a leitura da palavra (Freire e Macedo, 1987; Freire, 1991). Nesse sentido, o conceito de *palavramundo* explica que a palavra é diretamente ligada às nossas experiências e à forma como entendemos o mundo, pois, ao experien-

ciar o mundo, vamos atribuindo sentidos às palavras que aprendemos. Consequentemente, as palavras não são neutras, mas ideológicas, porque carregam valores a elas atribuídos a partir de nossas relações sociais. Freire faz uma reflexão interessante em *Pedagogia da Esperança* sobre a natureza ideológica das palavras, quando reconhece a linguagem machista presente em *Pedagogia do Oprimido e Educação como Prática da Liberdade*, seus livros anteriores. Ao refletir sobre o quanto ele não percebeu que suas escolhas lexicais não incluíam o uso de “mulheres”, ou do pronome “elas”, por exemplo, ele afirma “o quanto a linguagem tem de ideologia” (Freire, 1992, p. 67). Depois de “tomar consciência” de que suas escolhas eram marcadas por uma ideologia machista, passou a escrever de outras formas, sem se importar em “enfeiar a frase”, e, assim, recusar a linguagem machista. Similarmente, o Círculo de Bakhtin traz o conceito de signo ideológico (Volóchinov, 2017), ao referir-se ao fato de a palavra ser carregada de valor axiológico, o que ocorre socialmente. Em vista disso, percebemos que, ao contrário do que o MESP enfatiza, suas escolhas lexicais não são neutras nem acontecem por acaso: ao relacionarmos as postagens entre si, podemos perceber como são marcadas por uma ideologia antiprogredista, de extrema direita, que objetiva criticar percepções diferentes daquelas que o movimento defende.

Com esse entendimento de que nem a linguagem é neutra nem nossas ações, Freire nos alerta sobre o papel da educação no processo de letramento: “a leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga.” (1992, p. 79).

Podemos perceber a preocupação de Freire com o movimento de leitura e “releitura do mundo”. Para o autor, esse movimento “em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos” (Freire, 1991, p. 20) e que a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo, pode ser visto como uma forma de escrever o mundo, ou de “reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (Freire, 1991). Assim, nosso agir responsivo às leituras e releituras que fazemos do, no e com o mundo nos tornam responsáveis pelos sentidos que atribuímos aos textos/discursos no momento da nossa interação com eles e que nossas ações a partir deles vão ter implicações sociais e éticas.

Para Bakhtin (2010), espaço é um todo em formação, e tempo não é o simples preenchimento de um espaço, mas sim movimento e transformação. Desta maneira, o filósofo trata da relação espaço-tempo como um processo de formação contínuo e combinado que ele chama de *cronotopo*. Para o autor,

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado

de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (Bakhtin, 2010, p. 225, grifos do autor).

Isso significa que, com base em diferentes elementos, sejam naturais (crescimento de árvores, movimento do sol) sejam fruto da criação do ser humano, a/o artista (e cada um/a de nós) “interpreta as intenções mais complexas dos homens, das gerações, das épocas, das nações, dos grupos e classes sociais (Bakhtin, 2010, p. 225)” de modo combinado com complexos processos de pensamento e associados a indícios concretos da palavra viva.

Toda a construção do discurso do MESP contrário à Paulo Freire gira em torno de uma disputa entre educação supostamente neutra e conservadora, versus educação supostamente ideológica e com viés partidário. Entendemos que tal visão pode ser desconstruída com a definição de ideologia segundo o Círculo de Bakhtin, para quem

ideologia não é uma formulação da consciência, mas, ao contrário, a ideologia forma, constitui a consciência por meio de sua realidade material, isto é, dos signos ideológicos. Esses signos ideológicos, por sua vez, são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra. (Volóchinov, 2017, p. 55).

Segundo essa concepção, somos constituídas/os ideologicamente, porque somos seres sócio-históricos. Desse modo, todas as nossas ações, pensamentos, ideias são construídas ideologicamente e seria uma falácia a proposta de busca por uma educação neutra. Isso porque qualquer ação educacional, seja uma atividade em sala de aula, um planejamento anual, um currículo ou políticas educacionais são sempre produzidas a partir de uma perspectiva ancorada ideologicamente. Esse aspecto é mais um entre tantos que Paulo Freire defende em sua pedagogia, neste caso, a impossibilidade de neutralidade na educação. Nas palavras do autor,

Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a ‘prática da liberdade’, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo. (Freire e Macedo, 1987, p. 25).

Em outra obra Freire afirma que

Não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida

apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. (Freire, 1992, p. 78).

Em nosso entendimento, essa compreensão freireana pode ser uma das razões pelas quais ele tem sido tão perseguido, desde a ditadura, quando foi exilado, até os dias atuais. Freire, ao afirmar que a educação é sempre diretiva, logo, nunca é neutra (Freire, 1967, 1987, 1991, 1992, 1996), aponta para o fato de que o discurso de neutralidade obscurece o objetivo de fortalecer forças centrífugas, as quais contribuem para a manutenção de certo *status quo*. No caso dos memes publicizados na página do MESP, notamos a valorização de vozes conservadoras e tentativas de difamação de vozes dissonantes, como se apenas essas fossem ideológicas. É o caso do meme citado anteriormente, no qual há um professor homossexualizando estudantes, em uma clara referência ao falacioso “kit gay”. A suposta cartilha para ensinar crianças a se tornarem homossexuais constituía-se de um material para professoras/es; produzido em 2010, no âmbito do projeto “Escola sem homofobia”, idealizado durante o governo de Dilma Rousseff, quando Fernando Haddad era Ministro da Educação, o material tinha a intenção de contribuir com a formação para o trabalho com questões de sexualidade.

Nesse espaço-tempo polarizado, os elos na cadeia enunciativa apontam para duas direções; em uma delas, há uma narrativa de busca de neutralidade e da manutenção de valores morais e éticos; na outra, segundo as próprias postagens do MESP, estariam todas/os que se alinham a uma perspectiva “progressista” e representam riscos aos valores do movimento. Avaliamos que, nessa contenda, opera-se com a ideia de um mundo fixo, imutável, construído a priori; não há espaço para diálogo, nem para questionamento, por exemplo, do que se entende por *família* ou por *neutralidade* (Beato-Canato e Jordão (2021)).

É difícil identificar autoria e momento de criação das postagens do MESP. Consideramos, assim, o perfil da página do *Facebook* como responsável por tais publicações e, conseqüentemente, por sua divulgação, geralmente feita para contrariar uma ideia defendida por grupos apontados como adversários, geralmente, professoras/es universitários e o próprio Paulo Freire. O tom pejorativo, desrespeitoso e hostil das postagens é notável. Esses espaços não são homogêneos e isso é revelado em comentários dissonantes, de interlocutoras/es que, comumente, visitam as páginas para resistirem, demonstrarem insatisfação. Porém, de modo geral, tais vozes centrífugas são rechaçadas veementemente. Esse ambiente cria uma atmosfera de contenda, no qual há dois lados: o lado do bem, onde estão as/os defensoras/es de bons princípios, que agem com suposta neutrali-

dade, e o lado do mal, onde estão, na avaliação do MESP, as/os que agem ideologicamente a favor de princípios a serem combatidos. Paulo Freire e as/os professoras/es de maneira geral estariam nesse segundo grupo.

4. Redes sociais, memes e a construção da contenda

Redes sociais virtuais são espaços abertos na internet, nos quais criamos páginas pessoais ou grupos para partilha de dados e informações, por meio de diferentes materialidades semióticas, como textos escritos, fotos, imagens, vídeos, links, etc. Uma das redes mais populares atualmente no Brasil é o *Facebook*. Esta rede social tem como uma de suas características a existência de grupos com os mais variados interesses, dos quais podemos fazer parte ou somente visitar em busca de informações. A popularização da internet e o uso cada vez mais frequente de redes sociais como esta, bem como a participação em grupos de compartilhamento de mensagens como o *WhatsApp*, possibilitam que discursos hegemônicos e contra hegemônicos entrem em contato e passem a conviver de modo mais intenso e disponível a todas/os.

Nesse contexto, qualquer usuário/a pode assumir o protagonismo, criar diferentes perfis/páginas, produzir textos, divulgar conteúdos, participar de grupos e discussões. Essas ações potencializam uma relação interlocutiva e a construção de sentidos com a participação de pessoas situadas em diferentes espaços, com perfis e histórias de vida distintos. À medida que qualquer sujeito pode assumir o lugar de atriz/ator social, o ativismo fica potencializado e presenciamos a defesa de causas muito diversas das mais variadas formas, as quais podem ser iniciadas por pessoas comuns ou por grupos organizados. Essas pessoas ou grupos podem construir-se em narrativas, levando pessoas comuns a pensarem que estão assumindo o protagonismo. Seja como for, tais manifestações ampliam seu espaço de circulação e empoderam movimentos sociais e políticos.

Dificuldades para lidar com esse espaço público de debate e pluralidade cultural e social têm transformado vários perfis dessas redes em verdadeiras arenas, onde manifestações hostis, desrespeitosas, preconceituosas etc., são frequentes. Situações desse tipo têm afastado muitas/os internautas das redes sociais, mas, ainda assim, é possível apontá-las como espaço-tempo democrático, uma vez que possibilitam acesso a enunciados de protesto (contra-discursos), a lutas políticas e ideológicas concomitantemente com o convívio com *fake news* que potencializam a atmosfera de superexcitação, medo, escândalo etc., como indicado por Da Empoli (2019).

Nessa contenda, situações de disputas ideológicas e até mesmo de enfrentamentos agressivos, ofensivos e desrespeitosos, em atos *irresponsáveis* (contrários ao que Bakhtin chamou de “ato responsável”, como vimos

anteriormente), têm se expandido e se banalizado, e muitas vezes fazem parte, inclusive, de manifestações oficiais corriqueiras, como as do atual presidente do Brasil, que chegou a chamar Paulo Freire de *energúmeno* e responsabilizá-lo pela má qualidade da educação no Brasil e por uma suposta doutrinação marxista. Nessa arena, a credibilidade das grandes empresas de comunicação se vê abalada e uma parcela considerável da população se contenta em receber informações exclusivamente por meio das redes sociais ou de mensagens recebidas pelo aplicativo *WhatsApp*, contexto que potencializa sobremaneira o trabalho das/os engenheira/os do caos (Da Empoli, 2019). Essa/es especialistas buscam formas de divulgação de informações que sejam mais atraentes a suas/seus interlocutoras/es e, para tal fim, um gênero que tem sido extremamente explorado é o meme.

Segundo Shifman (2013), os memes surgiram nos anos 2000 como um gênero para tratar das mudanças culturais da sociedade na era digital. Geralmente fruto de uma criativa e imediata reação popular a uma notícia midiática, os memes são multimodais, constituídos por linguagem verbal e não-verbal, muitas vezes com referência a outros textos/informações também de saber popular. A falta de conhecimento da notícia imediata à qual o meme é indexicalizado o torna quase incompreensível, pois sua mensagem tem a intenção de satirizar, criticar e/ou ironizar notícias/informações atuais. Outro elemento comum em memes é seu acompanhamento por *hashtags* como gritos de guerra, isto é, uma forma linguística verbo-visual, em que o objetivo é de protestar contra ideologias, defender posição política, expor indignação aos acontecimentos entre outras (Quadrio et al, 2016).

Embora, como afirma Shifman (2013), os memes geralmente estejam associados a notícias do momento, também podem ser produzidos para divulgar e construir ideias específicas, como veremos em nossas análises. Eles são fácil e comumente replicáveis, e servem como gatilho para uma rede de enunciados. Atualmente, os memes fazem parte de nosso dia a dia e são publicados em redes sociais ou enviados por aplicativos de mensagens instantâneas para smartphones. Ao mesmo tempo, vemos a expansão do uso de memes por instituições organizadas a favor inclusive da divulgação de agendas político-partidárias e sua propagação em larga escala, especialmente com a atuação de engenheiros do caos que constroem, divulgam e ampliam narrativas específicas, frequentemente sem comprometimento com questões éticas e, muitas vezes, com apoio oficial. Passemos então à discussão sobre como o MESP utiliza os memes para a propagação de agendas políticas.

5. Escola Sem Partido em foco: como suas ações contribuem para a construção desse embate

O Escola Sem Partido é um movimento que se diz apertado e criado como uma reação de pais e alunos insatisfeitos com os rumos da educação brasileira. O grupo atuava por meio de um site, participação em eventos e, especialmente, nas redes sociais. No *Facebook*, por exemplo, havia o grupo denominado Escola Sem Partido. Era um grupo público, que qualquer pessoa podia visitar e do qual se podia participar mesmo sem aderir a suas ideias. Nele, boa parte das postagens do movimento eram de denúncia de ações de professoras/es, pesquisadoras/es e instituições de ensino su-

postamente *partidárias* – de esquerda - ou ideologicamente contrárias a alguns princípios hipoteticamente neutros, como, por exemplo, de uma família *tradicional*, de ideologia de gênero, educação neutra etc. Tais postagens eram publicadas na página do grupo, e possibilitavam a participação das/os internautas com comentários e compartilhamento das postagens tanto dentro do próprio *Facebook*, quanto em outras redes sociais ou aplicativos de mensagens, o que contribui para a publicação de seus conteúdos.

O movimento se coloca como irredutível na defesa dos *bons princípios* e salienta temáticas relacionadas à família, marxismo cultural, “ideologia de gênero” e qualquer outro *mau costume* que postula ser defendido pela *esquerda partidária*, termos espalhados e reiterados por

eles em sua página no *Facebook*. Sua entonação de radicalismo, protesto e indignação se mostra evidente nas escolhas dos signos linguísticos para descrever ideias contrárias às suas, com o uso, sempre reiterado, de termos como “luta ferrenha”, “esquerdopata”, “militante”, “picaretas”, e até mesmo “petistas”, palavra utilizada como se fosse um xingamento, uma ofensa, dentro dos contextos em que aparece.

Apesar desse incessante combate contra ideias alinhadas a uma perspectiva política de esquerda, apesar de seu declarado apoio ao candidato à presidência eleito em 2018 e de seu vínculo explícito com a família Bolsonaro e outros políticos de (extrema-)direita, o movimento repete insistentemente que sua posição é neutra. A cada postagem na página do grupo, era possível acompanhar uma discussão entre as/os defensoras/es das ideias do movimento e de opositoras/es. Forças centrípetas e centrífugas compunham essa arena discursiva, na qual havia uma atmosfera de confronto entre o discurso defendido pelo movimento e discursos antagônicos nos comentários às postagens. O discurso predominante é evidentemente alinhado ao MESP, bem como à ideologia oficial apregoada incessantemente

“Forças centrípetas e centrífugas compunham essa arena discursiva, na qual havia uma atmosfera de confronto entre o discurso defendido pelo movimento e discursos antagônicos nos comentários às postagens”

pelo presidente da República e o ministro da educação, por exemplo. As semelhanças entre os discursos do MESP, os do presidente e do ministro da educação podem ser percebidas, dentre outras coisas, pela “coincidência” das escolhas lexicais: os termos listados no parágrafo anterior, presentes reiteradamente nas postagens do MESP, aparecem também com bastante frequência nos pronunciamentos dos dois políticos, e também de outros apoiadores do presidente. Mesmo assim, nos comentários às postagens volta e meia surgem ideias contrárias, argumentos que tensionam essa tentativa de construir um senso comum pela repetição incessante que se quer ubíqua. Nessa tensão entre as diferentes forças e vozes, o MESP costuma recorrer a termos agressivos para desconstruir conceitos e ideais progressistas como é o caso do trabalho de Paulo Freire, construído pelo movimento como uma “monstruosidade a ser destruída”, repelida e “expelida de nosso país”.

A repetição das ideias atreladas a tais escolhas lexicais tem construído uma dimensão metanarrativa sobre a educação brasileira como fracassada, enviesada, partidária e responsável pelo fim da família e dos bons costumes. Tal ideia é potencializada nas redes sociais com memes, gêneros com certo humor e facilmente compreendidos, o

que a leva a ganhar espaço tanto nas redes sociais quanto em grupos de compartilhamento de mensagens. O uso estratégico desse gênero amplia o alcance do movimento e o empodera, pois leva as/os internautas a sentirem que assumem um ativismo, um lugar de atrizes/atores sociais em um espaço-tempo de resistência contra a suposta doutrinação nas escolas, como ilustram os perfis alinhados ao MESP que encontramos nessa busca rápida que fizemos no Facebook no momento em que escrevíamos o texto. Percebemos esse processo como um dos fatores que torna forte a adesão ao movimento, mesmo após a aprovação de sua inconstitucionalidade, pois as/os seguidoras/es sentem que assumem um protagonismo coletivo e social nesse ativismo. Assim, o sentimento de pertencimento se fortalece e fomenta o conservadorismo na contenda contra ideias progressistas, como as sugeridas por Paulo Freire.

6. A construção do “inimigo” Paulo Freire

A Figura 1^[7], que traz um meme postado na página do MESP no Facebook^[8] e parte da discussão travada em torno dele, é ilustrativa da construção do inimigo que o movi-



Figura 1

Postagem do MESP sobre Paulo Freire publicado no perfil do MESP no Facebook

Fonte: Página extinta do MESP no Facebook

[7] Temos consciência que a configuração de algumas imagens não têm boa configuração e pedimos desculpas por isso, mas não conseguimos resolver o problema, porque o perfil do Facebook de onde as imagens foram reproduzidas encontra-se desativado no momento em que finalizamos nosso texto.

[8] Esse meme foi publicado pelo MESP em 16 de julho de 2016. O perfil do MESP no Facebook está desativado, mas localizamos a publicação original de Olavo de Carvalho disponível em seu texto verbal: <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/paulo-freire-cujo-maravilhoso-sistema-de-ensino-jamais-produziu-um-escritor-um-c/471311199687626/>. Acesso em 28/08/2021.

mento e seus seguidores buscam combater.

Esse meme, publicado em julho de 2016 pelo MESP é ilustrativo do tom difamatório e agressivo com que certa parcela da população tem tentado destruir a figura de Paulo Freire. Abaixo da figura de Freire com traços de Marx, temos uma descrição do educador feita por Olavo de Carvalho. “Sujeito oco”, “pseudo-intelectual militante” e “porcaria” são algumas das escolhas lexicais para desqualificar Freire, sem qualquer compromisso com a comprovação das acusações feitas contra ele. Seu “método” é denominado de “uma coleção de truques”, os quais seriam empregados para doutrinar as crianças, “coitadinhas, analfabetas funcionais”. O texto ainda acusa as universidades que apoiam o pensamento freireano, as quais, segundo o texto, deveriam ser “fechadas”, e atribui a Paulo Freire todos os problemas do sistema educacional brasileiro. Usa como argumento as baixas notas das/os estudantes em testes internacionais. Vemos ainda a imagem de um Freire que se assemelha a um Marx barbudo, como é tipicamente retratado esse pensador, em uma alusão às ideias de Freire serem entendidas como “comunistas” por parte dos seguidores conservadores e liberais do MESP. Observemos que a cabeça entrecabida de Freire na imagem remete aos pensamentos do educador e a sigla CCCP a eles relacionada nos leva à Rússia, porque é uma abreviatura em russo de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS, em português). Toda essa elaboração visual-textual aponta para a produção de um discurso planejado de modo calculado e informado, realizado por uma organização com fins que nos parecem bem mais amplos do que a busca pelo direito de uma educação alegadamente neutra.

Tais insinuações, apresentadas no meme como denúncias, parecem querer denegrir a imagem do mais respeitado educador brasileiro em todo o mundo. Não percebemos qualquer compromisso com a comprovação das informações alegadas perante a obra de Freire. Além disso, o uso de uma linguagem vulgar e agressiva, associada a uma imagem de combate contra noções supostamente doutrinadoras tem potencial para gerar superexcitação nas/os interlocutoras/es mais desavisadas/os, que ficam escandalizadas/os com a possibilidade de nosso país ter uma pessoa como Paulo Freire como patrono de nossa educação. Talvez os autores de tais postagens contem com a ingenuidade de suas/seus seguidoras/es, com sua desinformação, com sua passividade em aceitar o que está sendo divulgado sem buscar informações sobre Freire em outros espaços, sem se preocupar em saber mais sobre quem está sendo questionado e por quê. A esse respeito, trazemos uma reflexão sobre uma das preocupações de Freire: a impossibilidade de práticas verdadeiramente democráticas, baseadas no diálogo e que possibilitem espaços para diferentes pontos de vista, para reflexão e para o constante questionamento. Segundo o educador, “não é lícito esconder verdades, negar informações, impor princípios,

castrar a liberdade” (Freire, 1992, p. 84). Essa é uma prática que objetifica o ser humano, que o impede da sua humanização como vocação ontológica do “ser mais”.

Um dos primeiros comentários feitos a essa postagem é ilustrativo da arena ideológica que vem sendo arquitetada em nosso país. A apoiadora comemora o fato de conservadoras/es e liberais como ela estarem se “conscientizando” (conceito associado a Paulo Freire) da realidade brasileira, se empoderando, “despertando”, e acusa “progressistas” e esquerdistas de ignorantes (“você não têm argumentos”) e manipuladoras/es (que tinham “o monopólio da fala, do pensamento”). Parece-nos haver aqui uma intenção da não aceitação de um pensamento, compreendido pela enunciadora como discurso dominante e autoritário, dissonante do seu olhar para o mundo. Convivem nesse mesmo espaço comentários de apoio (como o primeiro que aparece na Figura 1) e de repúdio, ilustrativos de diferentes posicionamentos. Conjuntamente, tais enunciados vão construindo imbricadas relações de sentido e constituindo-se como espaço público para a discussão de temáticas importantes de nossa sociedade. O que teria potencial para constituir-se como espaço-tempo de encontro, debate e pluralidade de vozes e culturas, de diálogo ao estilo freireano, como ato colaborativo que “não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza” (Freire, 1987, p. 166), muitas vezes, transforma-se em espaço de disputa e acirrada tentativa de destruição da/o outra/o, de vozes de descentralização verbo-ideológica, de ação antidialógica.

Inúmeros memes dessa natureza têm sido compartilhados incessantemente, especialmente nas redes sociais, o que tem contribuído para construções de sentidos de maneira rápida, fácil e sem precedentes, afinal, a superexcitação causada pela sensação de pertencimento leva internautas e participantes de grupos de troca de mensagens a compartilharem apressadamente inúmeras mensagens dessa natureza cotidianamente. Memes servem, desse modo, como gatilhos com efeito dominó em nossa sociedade, gerando agitação intensa e sensação de pertencimento a uma comunidade que parece visar a proteção de nosso país e de valores caros a suas/seus adeptos acima de qualquer outra coisa ou pessoa, valores como os de uma educação tradicional e conservadora, de uma família também tradicional e conservadora – uma educação calcada em transmissão de conteúdos e uma família composta de pai do sexo masculino, mãe do sexo feminino, filhos e cachorrinho.

No segundo meme que trazemos a seguir, na Figura 2, em postagem feita em abril de 2017^[9], vemos Paulo Freire ao lado de diversos outras/os pensadoras/es e líderes, de Karl Marx a Lula, bem como logos de diversos partidos e entidades; vemos ainda uma menção à ONU e à CNBB. Em um fundo vermelho, em alusão ao comunismo e ao petismo, todas essas figuras públicas e entidades são apon-

[9] Como já informamos, a página no Facebook não está mais disponível. Quando a localizamos, em 05 de janeiro 2020, estava em <https://www.facebook.com/escolasepartidooficial/photos/agora-s%C3%B3-t%C3%A1-faltando-a-cnbb/823789214438738/>.

tadas como contrárias ao MESP. A seleção dessas pessoas e entidades, associada a outras postagens feitas pelo mesmo perfil, nos levam a perceber não a busca por uma educação *neutra*, que o MESP afirma perseguir, mas sim uma tentativa de construção de uma narrativa ofensiva contra todo esse “clube”, uma clara difamação de um posicionamento político-ideológico específico. Percebemos nesse meme um descomprometimento com qualquer argumentação informada sobre o lócus de enunciação^[10], tanto da postagem, quanto de quem nela aparece, o que reduz a complexidade do pensamento das personalidades e entidades a um único critério de aproximação entre elas: a desaprovação à proposta de uma educação alegadamente neutra.

Embora em várias postagens haja tensões entre internautas, nesta, no momento em que a visualizamos, encontramos majoritariamente comentários como os que aparecem na Figura 2, com apoio irrestrito ao MESP e apagamento de quem são e do que já realizaram as pessoas públicas e entidades a que o meme se refere (“Só pelo nível da oposição, sabemos que o Projeto é decente”). Temos nesses comentários também uma superexcitação pela crítica a líderes progressistas (“Um bando de picaretas, máquinas de lavagem cerebral, psicopatas, destruirão o ensino e a vida social dos brasileiros”). Em outros

comentários que se seguiram a esses, encontramos expressões de reforço semelhantes, como “só lixo, LIXO”; “ESCOLA É LUGAR DE ESTUDAR...FIM DE PAPO...NAO...NAO”; “Só sem cérebros”; “Vermelhos malditos”; “Só tendo o PT na imagem já dá para saber”. Essa forma de apoio ao MESP, com o uso de signos ideológicos que conjuntamente reiteram desprezo e indiferença pela/o outra/o, por um diálogo respeitoso e informado, é por vezes questionada por alguns internautas que visitam o perfil do movimento e fazem comentários às postagens, e garantem sempre algum nível de tensão, como mencionamos anteriormente. Tais comentários são frequentemente contrapostos rechaçados por parte das/os apoiadoras/es, como por exemplo nessa breve troca de comentários:

Internauta 1: Não seria mais ÚTIL apontar instituições, legendas partidárias, intelectuais e pessoas influentes na sociedade que apoiam o programa? De todo modo, obrigado por fazer propaganda de Paulo Freire, Karl Marx, Antonio Gramsci; da Chauí e do Karnal.
Internauta 2: Óia o medo.

O/a internauta 2 reage de maneira rasa, sem contra-argumentar, e apelar para uma acusação de ordem moral/emocio-



Figura 2

Postagem do MESP em seu perfil do Facebook contrária à ONU

Fonte: Página extinta do MESP no Facebook

[10] Lócus de enunciação é usado aqui a partir do pensamento decolonial que o define como “a localização geo-política e corpo-política do sujeito que fala” (Grosfoguel, 2011, p. 213). Desse modo, ele é fundamental para a construção de sentidos sobre o que se diz, sobre o conhecimento que se produz. Segundo Martinez e Diniz de Figueiredo (2019, p.2 - tradução nossa), “descortinar o próprio locus de enunciação (e também o de outros) portanto significa estar consciente e explicitar o contexto geográfico, histórico, corporal e ideológico a partir do qual se fala”. Não é preciso ressaltar que aqui não estamos tratando “fala” como emissão de sons, mas como produção de sentidos em qualquer modalidade.

nal, acusando o outro de covardia e como que encerrando a conversa. Esse modo de reagir tem sido comum nas redes sociais, nas quais frequentemente encontramos a retomada recursiva, superficial e breve, de opiniões do tipo “mas o PT, hein?” ou “e o Lula?”, sem que seja explicitado o que é insinuado com essas perguntas, como se estivesse desviando o assunto para outras searas, numa proto-argumentação que não tem desenvolvimento argumentativo.

Um terceiro meme que consideramos pertinente para análise nesse texto foi publicado na página do MESP, no dia 15 de outubro de 2017, dia do professor, e segue na Figura 3^[11]. Em vez de parabenizar professores, o meme incentiva o desrespeito e a desvalorização da classe ao fazer uma alusão à fábula *O lobo e o cordeiro*, de La Fontaine, e acusar a/o professor/a de manipular as crianças, fingindo-se bondoso/a.

O desprezo pela/o professor/a é confirmado em alguns comentários, mas o primeiro que aparece na figura traz uma voz centrífuga, que questiona as ações do MESP e aponta a compreensão do movimento como favorável ao ódio a/o professor/a. Tal comentário entra em conflito com

“ Não obstante, para uma/um leitora/or mais atenta/o à obra de Freire, a “doutrinação” nos parece ser o oposto do que ele defende, ou seja, uma educação dialógica, questionadora e, por isso, libertadora e transformadora”

outros favoráveis à postagem. Em um deles, lemos simplesmente: “Quase 100% são doutrinadores.” Outro comentário a favor do movimento faz relação direta entre a postagem e Paulo Freire, ao trazer a imagem de uma faixa utilizada em uma manifestação de rua, a qual pede o fim da doutrinação nas escolas e ainda ressalta: “Basta de Paulo Freire”. Notamos novamente um menosprezo pelo maior educador brasileiro e a acusação, por justaposição, de que sua proposta teria como objetivo doutrinar as crianças brasileiras. Não obstante, para uma/um leitora/or mais atenta/o à obra de Freire, a “doutrinação” nos parece ser o oposto do que ele defende, ou seja, uma educação dialógica, questionadora e, por isso libertadora e transformadora. O contraponto que Freire traz para as suas reflexões, nesse sentido, é o modelo do que ele denomina de educação bancária, conceito bastante discutido em sua obra e que, em nosso entendimento, parece ilustrar a perspectiva de educação defendida pelo MESP (Beato-Canato; Jordão, 2021; Beato-Canato; Martinez; Fernandes, 2020). Nesse modelo de educação, a/o professor/a/or é a autoridade, aquela/e que detém o conhecimento



Figura 3

O lobo e o cordeiro

Fonte: Página extinta do MESP no Facebook

[11] Como já informado, atualmente o perfil não está mais disponível.

e que o transfere (ou o deposita) às/aos aluna/os que os recebem, memorizam, repetem e os arquivam. Portanto, não há espaço para pensar, refletir, questionar, “[...] uma vez que esse tipo de educação implica uma espécie de anestesia e inibe o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo [...] busca a *emersão* das consciências, de que resulte sua inserção crítica da realidade” (Freire, 1987, p. 70).

Em diálogo com a ideia apresentada nos comentários a partir do meme de Paulo Freire como um doutrinador a ser combatido, vemos o meme da Figura 4, que era frequentemente usado por seguidores do MESP em comentários para demonstrar apoio às postagens contrárias à Paulo Freire ou a supostas “doutrinações” em sala de aula. O meme traz Paulo Freire estampado na capa do que aparentemente seria uma revista para adolescentes, de nome *SocialisTeen*, com o subtítulo em letras pequenas: “a revista de quem critica o capitalismo, mas faz greve por dinheiro”.

Vemos nesse meme uma série de elementos que visam denegrir a imagem de Paulo Freire e seus estudos bem como todo o trabalho da área de humanas. Alguns dos que nos chamam mais a atenção são (1) a insinuação de partida, no título do que se apresenta como se fosse uma revista “real”, e ironizada no subtítulo que estabelece uma relação entre greves e interesses pessoais (“faz greve por dinheiro”), associando a oposição ao capitalismo (como se isso definisse o socialismo a que alude o nome da suposta revista, “*SocialisTeen*”) a greves que seriam movidas por posições individuais e gananciosas; (2) a foto de Paulo Freire com semblante alegre, o que pode demonstrar sua satisfação pelo que seria o sucesso da proposta de catequizar adolescentes a votarem em candidatas/os do Partido dos Trabalhadores (na relação entre a foto de Freire e o texto de capa “MÉTODO PAULO FREIRE ensina a criança a pensar. A pensar em sexo, em votar no PT e em nunca trabalhar”); (3) axiologicamente, Paulo Freire é indexicalizado como um “professor vagabundo”, doutrinador e sujo (“não tomava banho”), cujas ideias só poderiam ser divulgadas em uma revista da área de humanas, cuja editora tem (4) uma folha de maconha como logo, ou seja, que incentiva o uso

de drogas, ironizado novamente ao pé da capa, com a frase “GRÁTIS: essência de Narguillé sabor mobral”.

Para além de outras críticas rasas a dimensões do pensamento de esquerda no senso comum (associado à doutrinação e uso de drogas, por exemplo), nossas análises apontam para uma construção arquitetada da educação pública fracassada, e da figura de Paulo Freire como profissional desqualificado, cuja intenção seria maldosamente manipular e doutrinar crianças a favor de princípios “esquerdistas”, o que ameaçaria a família e a sociedade “tradicionais”. Observamos um apoio irrestrito de milhares de seguidores a essa pauta. A forma sem questionamento e violenta com que tais seguidoras/es fazem comentários chama atenção para a resistência generalizada ao diferente, no caso representado por Paulo Freire. Vemos um cenário polarizado, em que apoiadoras/es do movimento parecem querer expurgar qualquer ideia contrária à sua, alavancadas/os por uma compreensão de que suas próprias ideias seriam neutras, enquanto as contrárias às suas seriam ideológicas. Nos termos de Bakhtin, isso seria dizer que as forças centrípetas (que convergem) seriam neutras enquanto forças centrífugas (que divergem) seriam ideológicas. Todo esse cenário polarizado é bastante fomentado pelas postagens do MESP, como se pode ver ao analisar a página numa perspectiva mais geral, mais panorâmica.

Nessa contenda, acreditamos ser crucial pensar sobre a finalidade da educação para Paulo Freire e para o MESP. Como já mencionamos anteriormente, a leitura de pelo menos parte da obra do educador parece deixar claro que a educação, para ele, deve ser dialógica, problematizadora, diretiva e libertadora, construída em relações dialógicas horizontais (ou circulares), que visem nos auxiliar a assumir a construção de nossas próprias histórias em benefício de todas/os, buscando o “ser mais humano”, a ética da solidariedade humana. Nas palavras do educador:

O que sobretudo me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los. Defender com seriedade,



Figura 4

SocialisTeen

Fonte: Página extinta do MESP no Facebook

rigorosamente, mas também apaixonadamente, uma tese, uma posição, uma preferência, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, o direito ao discurso contrário, é a melhor forma de ensinar, de um lado, o direito de termos o dever de “brigar” por nossas ideias, por nossos sonhos e não apenas de aprender a sintaxe do verbo haver, de outro, o respeito mútuo. (Freire, 1992, p. 78).

A escola para Freire deve ser um espaço de conscientização, de construção de saberes colaborativamente, para o desenvolvimento da autonomia, da dignidade e da liberdade. Para o MESP, por sua vez, a educação deve se constituir em um processo de transmissão de conhecimentos supostamente “neutros”, o que se caracterizaria como “educação bancária” para Freire, e que para nós significa pensar que sejam conhecimentos legitimados por determinado sistema de valores defendidos pelo MESP. Dessa forma, a escola contribuiria para a manutenção de um *status quo* ao ofuscar diferenças, fomentar preconceitos, menosprezar o diálogo e ridicularizar o conhecimento pensado como sendo “esquerdista”, em outras palavras, aquele ligado ao pensamento de autores como Paulo Freire, Marx, Gramsci, Marilena Chauí, para citar apenas alguns que aparecem no meme da Figura 2. A educação seria, deste modo, um espaço privilegiado de reforço de certas ideologias e o aniquilamento onto-epistemológico dos seres humanos construídos e construtores de outros saberes. Essa escola assim idealizada rejeita o saber popular, o “saber de experiência feito” (Freire, 1987, 1992), silencia diferenças e sofrimentos, e reduz o conhecimento a um objeto organizado em blocos pré-determinados a serem transmitidos tal e qual, de geração em geração. Assim, não é por acaso que Freire afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 52). Segundo Freire, para uma educação que se quer transformadora, este saber (de que ensinar não é transferir conhecimento) não apenas precisa ser aprendido pelas/os educadoras/es e pelas/os educandas/os nas suas razões ontológica, política, ética, epistemológica e pedagógica de ser, “... mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido” (Freire, 1996).

Desse modo, é compreensível o ataque do movimento contra professoras/es e especialmente contra o patrono brasileiro. Para quem idealiza e segue o MESP, a/o professor/a seria uma ameaça. No entanto, cabe-nos pensar: quais são os motivos pelos quais o MESP vê nas/os professoras/res e em Paulo Freire uma ameaça? Qual o “perigo” se educadoras/es atuarem a partir de práticas pedagógicas que levem as/os educandas/os a refletirem e serem críticos, a questionarem sua realidade sócio-histórica e a se posicionarem frente a ela? Quais as implicações de uma educação problematizadora, questionadora e dialógica, inspirada em Freire, para o MESP?

Paulo Freire defende justamente uma visão de educação que dá aos sujeitos a oportunidade de desenvolverem

uma consciência crítica de sua realidade por meio de um processo colaborativo e dialógico de *humanização* e construção de conhecimentos, que pode permitir a elas/eles problematizarem mecanismos causadores de desigualdades e subalternizações que produzem e reproduzem a opressão. Nas palavras de Freire,

É importante em que, ao falar do “ser mais” ou da humanização como vocação ontológica do ser humano, não estou caindo em nenhuma posição fundamentalista, de resto, sempre conservadora. Daí que insista também em que esta “vocação”, em lugar do ser algo a priori da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. Por outro lado, a briga por ela, os meios de leva-la a cabo, históricos também, além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia. A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos. (Freire, 1992, p. 99).

Lendo as obras de Freire, percebemos que, lentamente, esse processo educacional pretendido pelo educador pode contribuir para a construção de um sistema-mundo que, *humanizando*, valoriza as diferenças e busca formas de modificação de realidades violentas e opressoras e, assim, visam a construção de uma sociedade com menos injustiças.

A publicação incessante de denúncias contra professoras/es e memes que pretendem difamar a figura de Paulo Freire constituem-se como elos em uma cadeia discursiva que visa a manutenção, por reiteração, de uma narrativa em que forças centrípetas desqualificam forças centrípetas em prol de conservar uma sociedade desigual, classista, racista, patriarcal e misógina. O emprego de signos pejorativos para tratar da classe educadora carrega valores axiológicos negativos que contribuem para a construção de uma avaliação social de Paulo Freire e de professoras/es como manipuladoras/es, doutrinadoras/es e picaretas. As cadeias enunciativas formadas no embate entre as postagens e os comentários trazem à tona ancoragens ideológicas distintas, como pudemos ver. Diante de uma sociedade polarizada como a que estamos vivenciando, em meio a uma política institucionalizada no governo federal em busca do privilegiamento de uma parcela da população e da criminalização ou silenciamento das outras, a esperança de que possamos resistir e diminuir tal violência está no movimento diário e incessante realizado na dialogia do cotidiano, pois seguidamente vemos iniciativas, tanto em comentários escritos em oposição aos memes do MESP, quanto em *atos responsáveis* que se opõem ao conservadorismo com atitudes éticas de afeto, respeito e cuidado ontoepistemológico. Na próxima seção apresentaremos brevemente alguns desses espaços de resistência.

7. Alguns apontamentos e possibilidades de resistência

Em espaço-tempo tão fluido e dinâmico, performamos de modo entrelaçado com diversas outras subjetividades e epistemologias, que compõem novos sistemas de valores. Tal fluidez, no entanto, não nos exime da responsabilidade ética simplesmente pelo fato de serem construídos social e culturalmente. Nossas ontoepistemologias são sim produzidas em nossas interações com o mundo, mas como fazemos parte deste mundo, somos então também responsáveis por ele. Tal implicação dos sujeitos na vida coletiva, uma perspectiva eminentemente freireana, mas também bakhtiniana, nos posiciona a todas/os num mundo plural, diverso, complexo e mutável. Esse não é o mundo conservador e estático do MESP, não é uma terra plana e imóvel.

Como profissionais da linguagem, somos compelidas/dos a investigar como e quais práticas discursivas (e, portanto, sociais e políticas) contribuem para a (des)construção de regimes de verdade. Foi essa motivação a principal força motriz para nossas tentativas, aqui em parte compartilhadas com as/os leitoras/es, de criar inteligibilidade sobre a construção de Paulo Freire como uma monstruosidade a ser destruída em nosso país. Observamos uma série de memes divulgados em grupos nas redes sociais, dos quais trouxemos 3 para apresentar neste texto. Tais memes, e os comentários postados sobre eles, estão repletos de termos pejorativos, agressivos e informações sem compromisso com uma argumentação informada, como pudemos ver nas seções anteriores. Enquanto números e estudos científicos indicam a coerência e a relevância dos estudos de Paulo Freire, o ativismo contrário a ele é feito especialmente por meio de memes que tentam minar sua imagem de educador respeitado internacionalmente, ao associá-lo às drogas, ao comunismo, e ao reiterar afirmações de que o método Paulo Freire seria o responsável pelas mazelas da educação de nosso país.

Com o uso de imagens chamativas, cores fortes e termos insultuosos e pejorativos, os memes potencialmente geram sentimentos de indignação e, conseqüentemente, de superexcitação nas pessoas que não conhecem a obra de Paulo Freire, e as motiva a se engajarem no suposto ativismo “neutro” do MESP para destruir a figura do educador, o que o projeta como a antítese do que ele explicitamente defendeu em sua obra e em sua práxis. Embora o discurso do MESP seja o de que tais “denúncias” ou, como preferimos, alegações difamatórias, venham exclusivamente de pessoas comuns, estamos convencidas de que tais manifestações são fruto de análises detalhadas sobre o perfil e o comportamento do público ao qual são dirigidas. A partir de tais estudos, criam-se ferramentas, como os memes que apresentamos aqui, para gerar sentimentos de indignação e revolta perante o alvo escolhido como Judas para a maldição da vez, no caso aqui, Paulo Freire. Nesse processo, não há compromisso com a apresentação de conteúdos coerentes ou argumentação embasada na obra de Freire;

há ilações e comoção geradas pela desinformação e pelo medo de que sejam verdadeiras (e destruam de fato “a família brasileira e seus bons costumes”, como logram em enfatizar). Tais deduções e sentimentos geram comoção que colocam em cheque informações oficiais e acadêmicas que eventualmente cheguem até essas pessoas.

Nesse contexto, a resistência torna-se fundamental e temos bons exemplos em nosso país. Como ativismo direto contra o MESP, podemos citar o grupo *Professores contra o Escola Sem Partido*. Criado e liderado por Fernando Penna, professor de história da Universidade Federal Fluminense, o grupo atua hoje desenvolvendo pesquisas na área e em grupos nas redes sociais, além de também desenvolver ações em um canal próprio no *Youtube*, a fim de desconstruir as falácias publicizadas pelo MESP e defender uma educação pública, democrática e de qualidade.

Podemos listar ainda outras formas de resistência a discursos autoritários de viés fascista e desinformador, como: 1) manifestações, atos e aulas públicas, planejadas por estudantes, artistas, sindicatos etc., aberta e explicitamente contrárias ao MESP, como por exemplo a aula pública “Escola Sem Partido ameaça o livre pensamento” (https://youtu.be/a8gdnZ_duNg) por Edson Fasano no canal TVT; 2) pesquisas acadêmicas em torno dos temas em embate, com resultados publicados em forma de artigos em diversas revistas de acesso gratuito, como as que citamos ao longo do texto; 3) podcasts como o “Freire ou Fake” (<https://tinyurl.com/rjf9x82>), elaborado por alunos de pós-graduação que objetivam esclarecer o público leigo sobre aspectos da obra de Freire; 4) criação de grupos em redes sociais para divulgação de informações, organização de atos etc. para divulgação e discussão do trabalho de Freire; 5) criação de canais de *Youtube* sobre Freire, que podem ser conferidos com uma busca simples pelo nome *Paulo Freire*.

Todas essas formas de resistência devem servir de alento e de esperança, no sentido freireano, ou seja, esperança não do verbo esperar que paralisa, mas do verbo esperar, que faz agir, que motiva à ação. Até porque essas formas de resistência quebram a suposta consensualidade da ideologia do MESP. Contudo, uma vez que não se trata de desinformação ou ingenuidade por parte dos criadores desses discursos, e sim de uma estratégia bem pensada para avançar uma determinada agenda político-ideológica, entendemos ser necessário um trabalho de maior divulgação e conscientização justamente desse caráter estratégico na publicização de ilações que visam desinformar a população intencionalmente. A nós, acadêmicas/os, fica a tarefa de ampliar nossas investigações, aprofundar nossa argumentação e intensificar nossas ações incansavelmente em prol de uma sociedade mais ética e democrática. Nos cabe sobretudo buscar uma aproximação maior com a sociedade de modo geral, e com outras formas de organização em grupos/sociedade, como as indígenas e quilombolas, a fim de vislumbrar mais modos de vida e leituras da *palavramundo* que nos permitam diálogos horizontais e éticos com diversas formas de existência no planeta.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. 2010. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 230 p.
- BAKHTIN, M. 2015. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo, Editora 34, 256 p.
- BAKHTIN, M. 2017. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos, Pedro & João, 160 p.
- BANON, S. 2019. Bolsonaro e Salvini são os melhores representantes do movimento nacional-populista: entrevista de Steve Banon concedida a Daniel Verdú. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/24/internacional/1553454729_290547.html. Acesso em: 24/08/2021.
- BEATO-CANATO, A. P. M.; MARTINEZ, J. Z.; FERNANDEZ, A. C. Desafios no ensino de línguas na contemporaneidade: da BNCC ao Escola Sem Partido. *Revista X*, **15**(5):46-73, 2020. <https://doi.org/10.5380/rvx.v15i5.77461>
- BEATO-CANATO, A.P.M.; JORDÃO, C.M. 2021. Escolas e Partidos: ideologias, letramentos e decolonialidade. In: A. TANZI NETO (org.), *Linguística Aplicada de Resistência: transgressões, discursos e política*. Campinas, Pontes, p. 97-120.
- BEATO-CANATO, A. P. M.; SZUNDY, P. T. C. 2021. Identidades de gênero em trajetórias textuais relacionadas ao Movimento Escola Sem Partido: que ideologias são refratadas sob o viés de uma pretensa neutralidade científica? *Revista da Anpoll*, **52**(2):238-261. <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52i2.1571>
- BRAIT, B. 2019. Discursos de resistência: do paratexto ao texto. Ou vice-versa? *Alfa: Revista de Linguística*, **6**(2):243-263. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1909-1>
- CARR, S. E.; LEMPERT, M. (Eds.) (2016) *Scale: discourse and dimensions of social life*. Oakland: University of California Press, 276 p. <https://doi.org/10.1525/luminos.15>
- Da EMPOLI, G. 2019. O caos criado pela extrema direita é calculado: entrevista concedida a João Paulo Charleaux. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/12/03/%E2%80%98O-caos-criado-pela-extrema-direita-%C3%A9-calculado%E2%80%99>. Acesso em: 24/08/2021.
- FABRÍCIO, B. F. 2016. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. *Revista da Anpoll*, (40):129-140. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i40.1022>
- FREIRE, P. 1967. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 192 p.
- FREIRE, P. 1987. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 107 p.
- FREIRE, P. 1991. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez Editora: Editora Autores Associados, 80 p.
- FREIRE, P. 1992. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 127 p.
- FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 54 p.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. 1987. *Literacy: reading the word and the world*. London, Routledge and Kegan Paul, 157 p.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). 2017. *Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, 146 p.
- GROSFUGUEL, R. 2011. Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political-Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking, and Global Coloniality. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, **1**(1). <https://doi.org/10.5070/T411000004>
- KRENAK, A. 2020. A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho: entrevista concedida a Anna Ortega. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho>. Acesso em: 24/08/2021.
- MACEDO, E. 2017. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. *Educação & Sociedade*, **38**(139):507-524. <https://doi.org/10.1590/es0101-73302017177445>
- MARTINEZ, J. Z.; DINIZ DE FIGUEIREDO, E. H. 2019. The Locus of Enunciation as a Way to Confront Epistemological Racism and Decolonize Scholarly Knowledge. *Applied Linguistics*, **42**(2):355-359. <https://doi.org/10.1093/applin/amz061>
- MATTOS BRAHIM, A. C. S. de. et al. 2021. *A Linguagem na Vida*. Campinas, Pontes, 103 p.

- MELO, R. 2021. Projetos de lei tentam proibir “linguagem neutra” em espaços educacionais. Entenda o que está em jogo. Disponível em: <https://generoeducacao.org.br/projetos-de-lei-tentam-proibir-linguagem-neutra-em-espacos-educacionais-entenda-o-que-esta-em-jogo-lingua>. Acesso em: 24/08/2021.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. 2011. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: C.M. JORDÃO et al. (orgs.), *Formação “desformatada”: práticas com professores de língua inglesa*. Campinas, Pontes, p. 279-303.
- MOURA, F. P. de. 2016. *Escola sem Partido impactos no ensino de História*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 188 p.
- MOURA, F. P. de. 2019. Escola sem Partido: origens e ideologias. *Ciências hoje*. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/escola-sem-partido-origens-e-ideologias/>. Acesso em: 27/08/2021.
- PINHEIRO, C. G. 2017. *Escola sem Partido (ESP) versus Professores Contra o Escola sem Partido (PCESP): tensões e discurso nas redes sociais*. Pelotas, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, 250 p.
- QUADRIO, A. et al. 2016. Padrões de tópicos empregados nos gritos de guerra: o trabalho na escola. In: M.C. MOLLICA (org.), *#Linguísticadeprotestos: novos caminhos de pesquisa*. Rio de Janeiro, 7 Letras, p. 34-61.
- SHIFMAN, L. 2020. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. *Journal of Computer-mediated communication*, **18**(3):362-377. <https://doi.org/10.1111/jcc4.12013>
- SILVA, D. N. 2021. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/o-dip-estado-novo.htm>. Acesso em: 27/08/2021.
- SILVA, J. E. 2021. *Colaboração e Formação Continuada de Professoras: a pedagogia do encontro*. Curitiba, PR. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná – UFPR, 372 p.
- SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. 2016. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso. *Domínios de Linguagem*, **10**(3):1076-1094. <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15>.
- STREET, B. V. 2008. New Literacies, New Times: Developments in Literacy Studies. *Encyclopedia of language and education*, **2**:3-14. https://doi.org/10.1007/978-3-319-02252-9_1
- VOLÓCHINÓV, V. 2017. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo, Editora 34, 376 p.
- XAVIER, U. 2020. *Gabinete do ódio - O grande irmão Bolsonaro: farsa e tragédia no Brasil*. Disponível em: <https://cienciassociais.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/gabinete-do-odio.pdf>. Acesso em: 27/08/2021.
- XIMENES, S. 2016. O que o direito à educação tem a dizer sobre “escola sem partido”? In: A. L. S. SOUZA et al. (orgs.). *A ideologia da Escola sem Partido: 20 autores desmontam o discurso*. São Paulo, Autores Associados, p. 49-58.
- XIMENES, S.; VICK, F. 2020. A extinção judicial do Escola sem Partido. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/aextincao-judicial-do-escola-sem-partido>. Acesso em: 29/08/2021.